



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB**  
**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**APLICADAS – FATECS**

## **TRANSParência: As Pessoas Reais Por Trás do Termo Transexualidade**

**ÉRICA PIERRE**

**BRASÍLIA**  
**2015**

**ÉRICA PIERRE**

**TRANSParência: As Pessoas Reais Por Trás do Termo Transexualidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor Lourenço Cardoso

**BRASÍLIA**

**2015**

# **TRANSparência: As Pessoas Reais Por Trás do Termo Transexualidade**

**ÉRICA PIERRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor Lourenço Cardoso

**Brasília,     de novembro de 2015**  
**Banca Examinadora**

---

Professor Lourenço Cardoso  
Orientador

---

Professora Úrsula Diesel  
Examinadora

---

Professor Luiz Cláudio Ferreira  
Examinador

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este documentário a todas as pessoas que, por não se enquadrarem nas normas sociais, tem seus direitos tolhidos tantas vezes, nem sendo vistas como seres humanos.

**Érica Pierre**

“How many years can some people exist, before they are allowed to be free”

**Bob Dylan**

## **AGRADECIMENTO**

Gostaria de agradecer aos meus pais, claro. Mas não um agradecimento simples como “obrigada por me botarem no mundo” e não apenas por terem me ajudado de maneira impressionante na elaboração deste documentário. Chegando a viajar e se hospedar comigo em Goiânia, carregar equipamentos, andar pelo sol quente e sofrer junto comigo de ansiedade. Devo ser honesta e dizer que não posso exatamente agradecer por tudo o que há no nosso passado como uma família. Errar é humano, certo? E apesar de muitos se esquecerem disso e por vezes nem parecerem, pais são humanos também. Sempre fui daquelas que não ignora, nem deixa que ignorem, as duras verdades, aqueles fatos tão difíceis de admitir. Portanto quero reconhecer aqui que há no nosso histórico alguns anos sombrios em que nenhum de nós, dentro de casa, sabia exatamente como agir. Momentos em que todos passavam por dificuldades e que a comunicação, ironicamente objeto de estudo principal do meu curso de formação, deixou de existir. Alguns grandes erros foram cometidos, e não apenas nesse período especificamente, mas ao longo desses 25 anos que carrego nas costas. Não somente da parte deles, da minha também.

Estamos longe de ser uma família perfeita. No entanto, acredito que exatamente por saber desses problemas que tivemos, alguns que foram superados e outros ainda a superar, que é tão importante e especial conseguir apontar e reconhecer exatamente o porquê sou grata aos meus pais. Se em alguns momentos ainda carrego comigo algumas inseguranças, em vários pontos me sinto mais preparada para enfrentar a realidade por conta de ferramentas que eles me deram. Sinto-me um tanto sortuda por ter crescido em um lar em que qualquer pergunta era válida, não importasse a idade que eu tivesse. Uma coisa sobre a qual meus pais sempre tiveram certeza é a grande vantagem que há no esclarecimento e em não esconder a verdade de seus filhos. Desde a minha infância até hoje, é raro um momento em família que não contenha ao menos um dos seguintes: desafios de lógica geralmente trazidos pelo meu pai, um quiz de conhecimento geral sobre algum tema e/ou uma discussão filosófica/debate sobre algum assunto, por vezes se tratando de algo polêmico. Até mesmo as brigas e discussões épicas que tive com meu pai foram essenciais para desenvolver minha capacidade de argumentação que por tantas vezes fez com que eu ouvisse de amigos e conhecidos “você nunca

pensou em ser advogada?” Não é à toa que entre amigos e familiares que conviveram conosco brincamos que ser filha dos dois deveria ser considerado um período de estágio e contar como horas complementares e experiência profissional.

Da minha mãe, Clarice Pierre Carneiro, entre tantas outras coisas, eu aprendi a ser compreensiva e o valor de saber duvidar de mim mesma e ir mais afundo antes de declarar uma opinião final. Aprendi a dor e a necessidade de superar a vergonha em admitir um grande erro e que, ainda que essa última eu tenha aprendido recentemente, independente desses erros, eu ainda tenho seu amor de mãe. Aprendi também com ela algo que levo comigo como jornalista, escritora e ser humano: a beleza e o personagem em potencial na história de cada pessoa que eu conheço pelo caminho. Do meu pai, Luiz Eneas Costa Junior, aprendi o valor do conhecimento, que ele sempre disse ser a melhor arma de defesa. Aprendi também (ainda que talvez esse não tenha sido um ensinamento consciente e intencional) a não ter medo de enfrentar opiniões contrárias, ser firme com os meus princípios e não tentar mudar quem eu sou apenas para agradar alguém se eu não sentir que é uma mudança correta. Da minha irmã, Verônica Pierre Costa, aprendi o valor da cumplicidade entre irmãs.

Agradeço ao meu melhor amigo, Guilherme Henrique Santos, por ter crescido comigo e ter tantas vezes me lembrado quem eu realmente sou em momentos em que minha mente estava tão confusa. Tudo o que aprendi junto com você tem um valor ainda maior justamente por termos passado por tantos momentos importantes de crescimento um com o outro. Agradeço a minha amiga, Flávia Telles, por sempre estar disposta a trabalhar na nossa amizade e a me ajudar com o que eu precisasse, ainda que eu tivesse tanta dificuldade em pedir. Por ter discutido comigo por coisas bobas e ter brincado comigo tantas vezes. Por ter me ajudado como assistente de direção e produção voluntária sem ganhar nada além da minha gratidão. Agradeço também aos meus colegas de curso, Guilherme Lopes, Ana Beatriz, Tanara Adriano e Sheylla Martins, pela força durante os momentos difíceis e pela companhia nos momentos divertidos.

Agradeço a todos os professores que me acompanharam ao longo do curso e contribuíram ativamente para o meu desenvolvimento como jornalista. Em especial meu orientador, Lourenço Cardoso, que já em um dos primeiros semestres, com os trabalhos de fotografia, me motivou e incentivou a sempre melhorar e pela sua orientação durante a produção deste projeto. Quero agradecer também a professora

Katrine Ventura pelo voto de confiança em ter me dado a chance de pegar em uma câmera profissional pela primeira vez. Substituindo o cinegrafista em uma reportagem de um grupo de colegas de curso, sabendo que era um interesse meu e algo que eu sempre quis. Foi quando consegui vencer meu medo e me arriscar, foi quando senti o primeiro gostinho de filmar de verdade. Gostaria de agradecer ao professor Frederico pelas breves e maravilhosas conversas sobre cinema ao final da aula. Agradeço também a Professora Úrsula Diesel que ministra com maestria a matéria de semiótica e consegue passar esse conteúdo tão complexo de uma forma extremamente clara e divertida. Em sua matéria me senti desafiada e foi uma sensação incrível vencer esse desafio e conseguir dois SS ao final. Agradeço ao professor Luiz Cláudio Ferreira por ser um dos professores mais dedicados e apaixonados pela profissão que eu já conheci. Recebi seu apoio quando mais precisei, quando estava me faltando auto confiança e foi de grande ajuda saber que ele acreditava tanto em mim e no meu potencial. Quero agradecer ao professor Sérgio Euclides, a quem tanto admiro, não apenas pelas críticas construtivas que me fizeram abrir mão do meu ego e buscar melhorar, mas também por ter tido sempre um jeito incrível de ensinar os alunos a pensarem além do óbvio e a questionarem tudo.

Não posso também deixar de agradecer a coordenação e a equipe técnica: Davi, Paloma, Weber, Marcelo, Samuel. Primeiro de tudo pela enorme paciência que tiveram comigo, mas também por serem tão competentes e profissionais excelentes que devem ser sempre valorizados pela instituição. Eles sempre sabem como agir, são interessados e se preocupam com os alunos.

Por último e jamais menos importante, agradeço a uma pessoa maravilhosa, Charlotte Oliveira. A amiga que me abriu os olhos para as questões de gênero, que me fez questionar toda a heteronormatividade binária que enfiaram em minha cabeça desde criança e que iniciou meu processo de desconstrução com relação a sexualidade e a identidade sexual. Charlotte não apenas me inspirou meus melhores poemas em 2012, quando eu sequer conhecia seu verdadeiro eu. Charlotte me inspirou por toda sua coragem em ter mostrado ao mundo quem ela realmente é esse ano e por ter simplesmente sobrevivido apesar de todo preconceito. Aliás, não apenas sobrevivido, mas vivido com tanta graça e bondade com todos com quem ela convive. Charlotte inspirou esse documentário, mas mais do que isso, Charlotte me inspirou a ser uma pessoa melhor.

## RESUMO

O documentário *TRANSparência: um retrato sobre a vida da pessoa transexual no Brasil* tem o objetivo de mostrar o que significa ser transexual e como é sobreviver nessa situação dentro do nosso país. O projeto reúne entrevistas com pessoas trans que compartilharam suas experiências de vida, desde contarem em que momento se deram conta de que o gênero que lhes foi designado ao nascer não correspondia a sua identidade de gênero, até a reação de seus familiares e quais são as maiores dificuldades que enfrentam atualmente. Foram gravadas também entrevistas com especialistas da área da saúde para falar tanto sobre os problemas estruturais dos ambulatorios quanto sobre as implicações psicológicas da transexualidade. Por último o documentário traz também uma entrevista com a Gerente de Políticas de Saúde da Diretoria de Promoção de Direitos dentro da Secretaria de Estado de Políticas para as Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos sobre o papel do governo com as pessoas transexuais: o que é bem feito, o que precisa melhorar e o que ainda precisa ser feito.

**Palavras-chave:** Transexualidade. Brasil. Documentário. Jornalismo.



## ABSTRACT

The documentary *TRANSparency: a story about the life of a transsexual person in Brazil* was made to show what it means to be transsexual and live in that situation inside our country. The project gathers interviews with trans people that shared their life experiences, since the moment they realized that the gender that was assigned to them did not correspond to their gender identity, until the reaction from their families and what are the biggest difficulties they have to deal with today. Interviews with health experts were also included to talk about the structural issues from the clinics and the psychological implications of transsexuality. At last, the documentary brings an interview with the Manager of Health Politics from the Directorship of Promotion of Rights from the Secretary of State of Politics for Women, Racial Equality and Human Rights about the part of the Government with transsexual people: what it well done, what needs to be improved and what still needs to be done.

**Keywords:** Transsexuality. Brazil. Documentary. Journalism.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	10
2 A LINGUAGEM AUDIOVISUAL .....	13
2.2 A Origem do Documentário .....	14
3 A ÉTICA NO DOCUMENTÁRIO .....	16
4 DIÁRIO DE BORDO.....	18
4.1 Produção.....	18
4.2 Edição .....	21
5 CONCLUSÃO .....	23
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25
7 ROTEIRO.....	26

## 1 INTRODUÇÃO

Para explicar o que inspirou o tema deste documentário preciso falar em primeira pessoa, pois foi uma situação muito pessoal que motivou a elaboração deste projeto. Há poucos anos atrás, eu nunca havia parado para pensar o que significava ser transexual. Conhecia a palavra e o conceito muito superficialmente, e se me pedissem para explicar o que definia um homem e uma mulher eu responderia de forma biológica falando que a definição está nos órgãos genitais do indivíduo em questão.

Isso começou a mudar quando uma pessoa muito próxima a mim resolveu falar sobre o assunto e me disse que existem mulheres que tem pênis. Aquilo de início me surpreendeu e ao longo da conversa ela foi me fazendo enxergar a não totalidade dos modelos heteronormativos e binários que me foram apresentados desde que nasci. Algum tempo depois, essa mesma pessoa, que até então eu conhecia como um homem, me contou que ela mesma era uma mulher transexual, mas que não havia contado para ninguém e apenas por isso ela continuava seguindo o protocolo e se vestindo e se mostrando como o homem que ela só era para os outros.

Foi a partir daí que busquei me informar mais sobre o que significa ser transexual. Coisas como a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, orientação sexual e expressão de gênero. E entendi, finalmente, que essas coisas que foram tão normalizadas no nosso cotidiano como sendo “típicas de menino ou menina”, não são inerentes ao gênero e sim construções culturais. Foi ao perceber que isso havia se tornado tão óbvio para mim, mas que ainda era um conceito pouco divulgado e que muitas pessoas ainda vivem sem questionar esses padrões, que decidi montar este documentário para esclarecer essas coisas e divulgar algo tão simples, porém tão ignorado: que as pessoas transexuais são pessoas normais, com ânsias, problemas, sentimentos de todos os tipos.

Ainda que a palavra “transexualidade” seja recente, é possível encontrar referências bem antigas de androginia e hermafroditismo (intersexualidade sendo o termo mais correto atualmente). Em alguns casos, a ideia da ambivalência de gênero era tratada como algo divino, o ideal de perfeição humano. Possivelmente uma das primeiras figuras a ser representada de forma andrógina foi Akhenaton, no

Egito antigo. Sua face era retrata de forma alongada e seu quadril avantajado. Segundo o Professor Eloísio Alessandro da Silva, em seu livro *Transexualidade: princípios de atenção integral à saúde* (2012), pesquisadores chegaram a considerar a hipótese de o faraó ter alguma doença que o tivesse deformado fisicamente. Porém, análises vem mostrando que essa representação estética foi um resultado de uma mudança de ideologia durante o período.

Outras representações da ambivalência de gênero existiram, como por exemplo, na figura de Baco, na mitologia grega, ou Dionísio, na romana. No entanto, historicamente no ocidente moderno a androginia representa algo abominável, como Eloísio Alessandro da Silva relata:

Na história ocidental moderna, a androginia é quase sempre considerada repulsiva e monstruosa. Um célebre caso de (construção do) hermafroditismo é o episódio do “monstro de Ravenna”, uma criatura híbrida que nasce na cidade italiana em 1512. Conforme as sucessivas lendas já escritas a seu respeito, trata-se de uma criatura a meio caminho entre o feminino e o masculino, o humano e o animal. (...) Com frequência, o medo do hermafrodita ou à ambiguidade sexual relaciona-se ao medo do outro. Nesse sentido, nos séculos XVI e XVII não foi incomum que imagens do novo mundo representassem seus habitantes como hermafroditas. (DE SILVA, 2012, p.8, 9 e 10)

A transexualidade e a realidade das pessoas transexuais ainda são assuntos pouco abordados e estudados. Como um dos personagens entrevistados para o documentário apontou, o Vice-Coordenador do IBRAT, Lam Matos, há pouca informação e poucas pessoas analisando os efeitos do uso de hormônios por pessoas transexuais em longo prazo, por exemplo. Mesmo assim, as poucas pesquisas e estatísticas que existem mostram a urgência em trazer visibilidade para essa situação. De acordo com um relatório da ONG International Transgender Europe, o Brasil é o país com o maior número de assassinatos de travestis e transexuais, totalizando em 689 mortes de janeiro de 2008 a dezembro de 2014, estando no topo do ranking há alguns anos. O relatório da ONG destaca, entre esses números, os assassinatos de crianças transexuais. Entre os mais assustadores está o caso de uma garota trans de apenas oito anos que apanhou do próprio pai até a morte em fevereiro de 2014 na cidade do Rio de Janeiro.

A maioria das pesquisas sobre a população transexual encontradas durante a elaboração do projeto foram de fora do Brasil. Algumas delas, como a que analisa a taxa de tentativa de suicídio entre as pessoas trans, são limitadas e ou tem algumas

falhas. Nesse caso, por exemplo, foi simplesmente uma pesquisa com perguntas de sim ou não sem maiores investigações médicas a respeito das informações dadas. Ainda assim não encontrei nenhum relatório semelhante com números dentro do Brasil, com falhas ou sem. A pesquisa em questão, divulgada em janeiro de 2014, foi realizada pela Fundação Americana para a Prevenção do Suicídio e pelo Instituto Williams e revelou que 41% da população trans dos Estados Unidos já tentou suicídio.

## 2 A LINGUAGEM AUDIOVISUAL

Desde a invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière, cuja primeira projeção ocorreu em 28 de dezembro de 1895 em Paris, a linguagem cinematográfica vem sendo usada para contar histórias. Com o passar dos anos, os cineastas foram criando uma linguagem própria e teorias sobre a estrutura desse recurso audiovisual. Segundo Bill Nichols, em seu livro “Introdução ao Documentário”, todo filme é um documentário. Podendo este ser de satisfação de desejos (filmes de ficção) ou de representação social (não-ficção). Os documentários de representação social são os que conhecemos pelo nome de “documentário” em si. São estes os que por definição representam fatos reais investigando e reunindo o maior número possível de informações sobre o objeto de estudo escolhido.

Nos documentários encontramos histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira. A capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera compele-nos a acreditar que a imagem seja a própria realidade representada diante de nós, ao mesmo tempo em que a história, ou argumento, apresenta uma maneira distinta de observar essa realidade. (NICHOLS, 2007, p.28)

O processo de definir a exata diferença entre a ficção e o documentário é delicado. Essa dificuldade na distinção se dá pelo fato de que o documentário sempre carrega consigo a visão de mundo de um determinado grupo, não é uma cópia exata da realidade e sim uma representação dela.

Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. Quanto desses aspectos da representação entra em cena varia de filme para filme, mas a ideia de representação é fundamental para o documentário. (NICHOLS, 2007, p. 30)

Diferente dos filmes de ficção o cineasta acompanha os personagens em seu cotidiano sem que haja um contrato para agir de uma determinada maneira, há o compromisso de que essas pessoas retratadas pela filmagem hajam de maneira natural. Para isso diversos fatores são essenciais, como por exemplo, que o personagem em questão aja da forma mais espontânea possível diante da câmera.

Ao contrário da preparação que um ator recebe antes e durante um filme de ficção, a orientação que o diretor deve dar ao personagem do documentário deve cuidar para não mudar seu comportamento habitual.

## 2.2 A Origem do Documentário

É importante relatar que o surgimento do cinema documentário não veio de forma intencional. No início da história do cinema o interesse dos cineastas eram as mais diversas formas de se contar uma história através de um filme, de maneira que cada um experimentava com jeitos diferentes de se filmar e construir o produto final. Através desses experimentos que se foi construindo uma estrutura para a linguagem cinematográfica e diferenciando, através da consolidação de alguns trabalhos, a ficção da não-ficção. O desejo em si de teorizar a respeito de uma estrutura do documentário veio apenas depois que este já existia como meio de comunicação.

De acordo com Nichols, podemos explicar a criação do documentário dividindo a história em duas partes: o surgimento da tecnologia para a imagem cinematográfica e a figura do cineasta. No momento em que surgiu, o cinema fascinou por ser um instrumento que retratava os acontecimentos com uma fidelidade nunca vista antes através de esculturas e pinturas, assim como a imagem fotográfica fez anteriormente. Os irmãos Lumière ao filmar, por exemplo, a *Saída dos trabalhadores das fábricas*, possibilitaram que os espectadores pudessem observar o acontecimento sem ter estado fisicamente presente no momento. O filme não tem nenhuma pós-edição que altere sua representação e, por tanto, dá a impressão de ser imparcial e apresentar uma realidade inalterada.

Essas primeiras obras serviram tipicamente como “origem” do documentário ao manter uma “fé na imagem” (...) Os filmes de Lumière pareciam registrar o cotidiano conforme ele acontecia. Filmados sem adorno nem rearranjo de montagem, revelam tremeluzente mistério dos acontecimentos. Parecem reproduzir um acontecimento e preservar o mistério. Um quê de humildade fica no ar. O cinema é um instrumento de poder extraordinário: não necessita de exagero ou espetáculo para conquistar nossa admiração. (NICHOLS, 2007, p.118)

Já a origem da história do cineasta vem da necessidade de alguns indivíduos de contar uma história da forma mais real possível através do novo recurso. Essa necessidade de explorar todas as possibilidades que o cinema proporcionava como

recurso na representação da realidade. A junção desses dois fatores pode ser considerada a origem do documentário e a base através da qual se construiu a estrutura desse tipo de linguagem audiovisual. Esse interesse culminou na produção de filmes como, por exemplo, *Nanook, o esquimó* (1922), de Robert Flaherty, considerado uma das obras antropológicas mais importantes de todos os tempos e um dos primeiros documentários da história.

Considerado o pai do documentário, John Grierson criou o termo, derivado do francês *documentaire*, quando em 1920 escreveu um artigo para o Jornal New York Sun a respeito de seu estudo sobre o impacto da visão de imigrantes sobre os acontecimentos da época. No artigo, Grierson escreveu que o filme *O Homem Perfeito* (1926), gravado na Polinésia retratando a vida e os costumes dos habitantes, tinha valor documental.



### 3 A ÉTICA NO DOCUMENTÁRIO

A ideia que Nichols traz de que o documentário não é um retrato do real e sim uma representação, pode ser comparada, dentro das teorias do jornalismo, com a Teoria Estruturalista. Esta teoria defende uma relativa autonomia do jornalista com relação a um controle econômico. Ela também descreve que a notícia é um produto social que recebe a influência de diversos fatores ao longo de sua produção. Primeiro com a estrutura organizacional dos jornais, a rotina de trabalho e a relação entre os chefes e seus subordinados. Segundo com a própria formação profissional do jornalista em questão, que influencia na hora de decidir qual estória merece ser contada. E o terceiro fator que é o momento de produção da notícia, aspecto no qual a cultura onde ela está imersa tem notável influência. Sobre a teoria, Nelson Traquina escreve:

Assim, para os defensores desta teoria, o processo de produção das notícias não só pressupõe a natureza consensual da sociedade como sublinha o papel das notícias no reforço da construção da sociedade como consensual. Os “mapas de significado” incorporam e refletem os valores comuns, formam a base dos conhecimentos culturais e são mobilizados no processo de tornar um acontecimento inteligível. (TRAQUINA, 2005, p.177)

O cineasta, tendo ele formação de jornalista ou não, também está suscetível a esses fatores de influência na produção de um documentário. Desde o momento em que entra em contato com os personagens antes da filmagem, até o processo de edição final. Em seu livro, Nichols discorre sobre a importância da ética na linguagem cinematográfica de representação social quando leis e regras inflexíveis deixam de ser o suficiente. Ele cita vários casos de documentários que, depois de exibidos, acabaram por ridicularizar alguns de seus personagens. Em alguns filmes isso ocorre inclusive com a intenção do cineasta com um objetivo próprio. Ele cita o caso de Michael Moore que no filme *Roger e eu* representa os habitantes da cidade de Flint, em Michigan, de forma tola para piorar a imagem da General Motors.

Nichols questiona se essas possibilidades de como o documentário pode ser interpretado pelo público devem ou não ser discutidas com os personagens antes da filmagem. Ele fala que a ética e suas medidas servem para tentar minimizar os possíveis prejuízos diante da imprevisibilidade do efeito que o produto final pode causar. A importância desse cuidado se deve ao fato de que o cineasta e seu filme

tem um impacto tanto para os personagens representados e a história em que estão inseridos quanto para os espectadores.

Os cineastas que tem a intenção de representar pessoas que não conhecem, mas que tipificam ou detêm um conhecimento especial de um problema ou assunto de interesse, correm o risco de explorá-las. Os cineastas que escolhem observar os outros sem intervir abertamente em suas atividades, correm o risco de alterar comportamentos e acontecimentos e de serem questionados sobre sua própria sensibilidade. Os cineastas que escolhem trabalhar com pessoas já conhecidas enfrentam o desafio de representar de maneira responsável os pontos comuns, mesmo que isso signifique sacrificar a própria opinião em favor da dos outros. (NICHOLS, 2007, p.36)

A resposta para este questionamento sobre comunicar ou não os personagens dos possíveis efeitos imprevisíveis é respondida pelo próprio autor mais adiante. De acordo com Nichols, uma forma de testar esses questionamentos éticos está na comparação com um princípio usado em experimentos médicos em que os possíveis efeitos colaterais devem sempre ser informados aos voluntários.

## 4 DIÁRIO DE BORDO

### 4.1 Produção

Conseguir os personagens e especialistas para este documentário foi uma das partes mais difíceis, por conta da delicadeza do assunto e de ser algo ainda pouco divulgado e estudado. Para conseguir as especialistas, como a Psicóloga Tatiana Lionço e a Ginecologista Mariluz Silveira, fiz pesquisas pela internet buscando ONG's voltadas para pessoas LGBT, li várias matérias jornalísticas sobre transexualidade, fui atrás de órgãos do governo como a secretaria de Gestão Participativa, ligando para o departamento de apoio à Gestão Participativa, liguei para o Conselho Federal de Psicologia e o de Medicina. Nesse processo descobri que a cirurgia de redesignação genital ainda não é realizada em Brasília, inclusive a cidade não possui ambulatório nem para distribuir medicamentos para pessoas transexuais e acompanhar o processo de hormonização. As cidades que realizam as cirurgias pelo SUS são: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia. Por isso escolhi viajar para entrevistar algum médico ou médica que fosse responsável pelo processo transexualizador em alguma dessas cidades, foi assim que encontrei a doutora Mariluz Silveira. Para encontrar os personagens já foi um pouco mais complicado. Conversei com todo mundo que eu podia sobre o assunto do documentário, sempre perguntando se conheciam alguém que estaria disposto a dar entrevista. Além disso, uma vez que conseguia conversar com algum especialista sempre pedia indicações de pessoas que eles conhecessem.

Ao buscar personagens que eu pudesse entrevistar, percebi que a maioria se mostrava insegura de início, incertos se sentiriam confortáveis em aparecer em frente às câmeras. Mesmo quando aceitavam era difícil conseguir, por exemplo, imagens de apoio, visto que marcavam os encontros em lugares e momentos fora do seu cotidiano normal, isso foi ainda mais forte nas entrevistas que aconteceram em Goiânia. Para deixar os entrevistados mais à vontade eu deixava que eles definissem onde seria a entrevista, ao invés de propor algum lugar, apenas perguntava antes se estariam dispostos a deixar que eu os filmasse em casa se arrumando para sair ou em algum outro momento em que eu pudesse captar de perto eles em ação durante o seu dia a dia.

A conclusão tirada foi a de que para conseguir a confiança dos entrevistados e poder filmar seu cotidiano, o tempo de produção teria de ser maior, pois senti que alguns personagens se sentiram mais confortáveis comigo após a entrevista e talvez assim me deixassem conseguir essas imagens. Alguns dos personagens já tiveram experiências ruins com a mídia em que trechos de entrevistas foram tirados de contexto e retratados de forma errada, o que dificultava mais ainda que eles confiassem em mim. Portanto acredito que se eu pudesse mostrar uma prévia do documentário eles se sentiriam mais à vontade,

A primeira entrevista que realizei foi no dia 15 de setembro com a Professora de Psicologia da UnB e Psicóloga Tatiana Lionço. Marcamos de nos encontrar às 15h no ICC norte em frente ao Departamento de Psicologia. Cheguei 10 minutos antes junto com uma amiga que me deu carona e foi minha assistente de direção. Por volta de meia hora se passou sem que a Professora aparecesse ou desse notícias. Ao perguntarmos para uma mulher que estava por perto e parecia esperar por alguém também se ela conhecia a Professora Tatiana, ela contou que também a esperava, pois ela era sua orientadora de mestrado e que havia recebido uma mensagem dela dizendo que se atrasaria já que esqueceu que tinha que dar aula naquele mesmo horário. Às 16h a Professora chegou e tive que esperar que ela atendesse sua orientanda primeiro. Às 17h começamos a entrevista em uma sala dentro do departamento. O foco das perguntas foi nas implicações psicológicas de ser uma pessoa transexual. As respostas foram completas e bem elaboradas e a entrevista durou aproximadamente uma hora.

Para entrevistar a Delegada Laura de Castro tive que ligar várias vezes com bastante antecedência para combinar o melhor dia, já que ela trabalha num esquema de plantão por 24 horas seguidas e depois tira folga por 72 horas. Combinamos que a entrevista aconteceria no dia 29 de setembro, numa terça-feira, na Delegacia da Mulher em Goiânia. Saí de Brasília de carro com meus pais na noite anterior, no dia 28, e ficamos em um hotel próximo à Delegacia. Na terça-feira chegamos na hora e esperamos 30 minutos até que a Delegada chegasse.

As perguntas foram pessoais, focadas na experiência dela como pessoa transexual. Laura foi muito simpática, mas percebi que se incomodava quanto mais pessoais as perguntas fossem e tentava responder de forma a revelar apenas o mínimo necessário parecendo querer mostrar todas suas experiências sempre de forma positiva e evitando qualquer coisa negativa. Depois de uma hora de

entrevista, na hora em que fui verificar se tinha gravado mesmo, percebi que a câmera havia parado de gravar depois de alguns segundos e não havia pegado nada da entrevista. Laura foi muito simpática e não se incomodou de fazer uma nova tentativa, portanto mudei as configurações da câmera para o modo automático somente para essa entrevista e fiz vários testes para ver se dessa vez estava gravando mesmo. Depois de 20 minutos da segunda tentativa a pilha do receptor do microfone lapela acabou e tive que usar o microfone boom da própria câmera.

A primeira tentativa de entrevistar a Gerente de Políticas de Saúde da Diretoria de Promoção de Direitos, Ludymilla Anderson, teve de ser adiada do dia primeiro de outubro para o dia 8 na semana seguinte. Na quinta-feira dia 8 correu tudo bem, apesar do ritmo acelerado de trabalho dentro do departamento. A gravação aconteceu em uma pequena sala de reuniões e a entrevista fluiu tão naturalmente que foi mais como uma conversa. As respostas passaram sinceridade, sem parecer tentar esconder algo para preservar uma imagem, percebi um real interesse da entrevistada na causa transexual e no seu trabalho dentro da Secretaria.

No dia 22 de outubro entrevistei o Coordenador do IBRAT (Instituto Brasileiro de Transmasculinidades) em Brasília, Lam Matos, na casa de seus sogros na Asa Sul. Mal precisei fazer as perguntas de fato, Lam parecia já saber exatamente o que falar e respondia as perguntas que eu tinha anotado sem mesmo que ele as tivesse visto com antecedência. A entrevista durou por volta de uma hora e foi bem completa, focada na experiência pessoal do entrevistado e nas maiores dificuldades que ele percebe, como Coordenador Regional de uma ONG, em ser uma pessoa trans no Brasil.

Para as duas últimas entrevistas passei o final de semana do dia 24 e 25 de outubro hospedada em Goiânia. No sábado à tarde encontrei com Ester Sales, mestrande em Filosofia pela UFG. Montamos tudo para realizar a entrevista num jardim interno bem iluminado da Faculdade de Letras da UFG, no entanto, assim que começamos a filmar começou a chover e tivemos que procurar outro local. O fato de a entrevista ter sido realizada em outra cidade e, por tanto, eu não ter tido uma ideia prévia de como seria o local de filmagem, mais a falta de recursos foram dificuldades na hora de planejar a iluminação. Dessa forma, a imagem nessa entrevista ficou mais escura que as demais.

Ester se soltou com facilidade e relatou sua experiência como uma pessoa transexual de forma detalhada e chegou a se emocionar em alguns momentos. A Filósofa e mulher trans se mostrou uma pessoa extremamente culta e com bastante desenvoltura na sua comunicação. Ester contou como foi o processo de descoberta e aceitação a respeito de sua transexualidade e me surpreendi com a peculiaridade de seu caso, tendo ela passado alguns anos antes da transição estudando em um seminário com a intenção de se tornar Padre.

No domingo entrevistei a Ginecologista e Psicóloga Dra. Mariluz Silveira, Coordenadora do processo transexualizador no Hospital das Clínicas, em sua casa em Goiânia. Neste caso eu já a havia visitado no mesmo dia em que fiz a entrevista com a delegada Laura. Portanto já sabia como era a iluminação do lugar. A entrevista foi muito boa, Mariluz respondeu com calma e segurança e foi extremamente receptiva.

## **4.2 Edição**

O processo de começar a editar foi um tanto complicado. Como eu não havia conseguido imagens com ação pelos motivos acima citados, toda vez em que eu parava para assistir e decupar o material coletado (seis horas e 39 minutos de entrevistas no total) eu não conseguia pensar em uma forma de montar o documentário. Desde o começo eu havia determinado que era preciso deixar claro que aquela não era a minha história e que eu deveria tratar o assunto com cuidado e respeito. Porém, ainda assim eu tinha certas expectativas com relação ao resultado final. Mesmo que eu soubesse, no momento em que escolhi o tema, que era um assunto difícil de ser trabalhado, eu imaginei que conseguiria entrar mais no mundo daquelas pessoas e que assim conseguiria retratar de forma mais próxima como elas se sentem, não apenas com os trechos das entrevistas, mas com imagens cotidianas.

Outra dificuldade foi decidir o que cortar e o que manter. Isso se deu primeiro pelas entrevistas terem sido tão bem respondidas e completas e segundo pelo assunto ser tão complexo para tratar em poucos minutos. Fiquei sentindo a necessidade de poder montar um documentário maior do que o permitido. Enfim decidi que, para não ter apenas os entrevistados falando por tantos minutos sem

parar sem nenhuma imagem de apoio com ação, seria bom contextualizar a situação das pessoas transexuais de alguma forma. Assim decidi colocar a pesquisa sobre o número de mortes no Brasil, as reportagens com alguns casos de violência e preconceito e o trecho do vídeo da Alta Comissária da ONU. Dessa forma seria possível apresentar o cenário em que as personagens que entrevistei vivem antes que elas começassem a falar de fato.

Uma vez que isso foi resolvido consegui ficar mais calma e pensar na montagem das entrevistas. Sabendo quanto tempo a introdução demoraria e quanto tempo me restaria, defini que não daria para colocar todas as seis entrevistas e decidi por retirar as imagens da delegada Laura e deixar as da Ester, já que a última se abriu mais durante a entrevista. Cada entrevistado teria três minutos que seriam divididos em duas falas de um minuto e meio. Com isso em mente, cortei diversos trechos de um minuto e meio e assisti um seguido do outro. Dessa maneira as falas foram se encaixando naturalmente de forma a contarem uma única história que fizesse sentido. Conseguindo realizar o que me propus desde o começo, que foi criar um produto que fosse um espaço para dar voz às pessoas transexuais. A escolha pelo preto como fundo das partes com texto se deu para dar destaque ao que estava escrito e representar a seriedade do assunto. O branco da fonte foi escolhido primeiro pela mesma questão de dar destaque, mas também por representar paz.

## 5 CONCLUSÃO

Trabalhar neste documentário me possibilitou ter contato com histórias impressionantes de pessoas que tiveram que lidar a vida toda com uma questão tão complicada e delicada envolvendo sua identidade de gênero. Do momento em que percebiam a distinção entre o gênero que designaram para elas ao nascerem e a forma como elas mesmas se percebiam, passando pela crueldade de uma puberdade empurrando-as para o gênero com o qual não se identificam. Até a descoberta do termo transexualidade, da possibilidade de fazer uma transição e a luta ao revelar tudo para o mundo e enfrentar as diversas reações. A elaboração deste projeto ampliou minha visão a respeito da realidade das pessoas transexuais no Brasil atualmente. Através da pesquisa, da busca por personagens e especialistas e das entrevistas de fato, conversando com essas pessoas e escutando com atenção suas histórias, pude ter uma maior noção dos problemas que cercam essas pessoas.

Pude concluir que não apenas as pesquisas a respeito do tema ainda estão longe de serem satisfatórias fora do Brasil, dentro do país a situação é ainda pior. Ao ligar para o Ministério da Saúde e para a Secretaria de Saúde do Distrito Federal para descobrir qual órgão poderia me passar informações sobre projetos do governo que atendem a população LGBT, pude perceber a falta de informação dos funcionários. Após as entrevistas, em especial a conversa com a Gerente de Políticas de Saúde da Diretoria de Promoção de Direitos, Ludymilla Santiago, conclui que há uma desorganização dentro do governo que dificulta o acompanhamento e atendimento de forma satisfatória às pessoas trans. A própria Ludymilla citou que talvez uma solução fosse criar uma Secretaria específica para lidar com questões envolvendo a população LGBT.

Observei também que, como consequência de terem sido alvos de tamanha ignorância e preconceito ao longo de suas vidas, as pessoas transexuais que entrevistei, na maioria das vezes, se mostraram inicialmente desconfiadas. Mesmo quando passavam a impressão de serem mais abertas desde o início, muitas vezes na realidade eram reservadas quando se tratava de revelar detalhes de suas vidas pessoais. Cada uma dessas pessoas tinha algum mecanismo de defesa, fosse a figura da autoridade dentro da carreira profissional que escolheram, fosse evitar sair muito de casa e andar por lugares novos, fosse munir-se de imenso conhecimento



intelectual e capacidade argumentativa. Algumas, como defesa, escolheram o caminho oposto ao de se esconder, resolveram justamente dar a cara a tapa através da participação ativa em movimentos sociais.

Por fim, conclui que ainda estamos longe de atingir um ideal de tratamento e oportunidades para a população LGBT. Ainda existe muita ignorância e preconceito, mas a visibilidade, os projetos sociais, a luta de movimentos sociais e a informação são ferramentas que podem contribuir para a construção de um futuro melhor, em que pessoas transexuais tenham todos os seus direitos garantidos. Inclusive, durante a edição do material encontrei imensa dificuldade em selecionar apenas algumas falas para colocar dentro do limite de tempo que o documentário deveria ter. Tendo inclusive de cortar uma das entrevistadas, a Delegada Laura de Castro. Após a faculdade, irei continuar desenvolvendo este projeto e farei um documentário de pelo menos uma hora. Mas sinto que conseguir fazer um documentário que, como foi minha ideia desde o início, respeitou o lugar de fala das pessoas trans e deixou que elas contassem as suas histórias.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papirus, 2007

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular Ltda, 2005

DA SILVA, Eloísio Alexsandro. Transexualidade: Princípios de Atenção Integral à Saúde. São Paulo: Santos, 2012

PERES, Ana Paula Ariston Barion. Transexualismo: O direito a uma nova identidade sexual. Rio de Janeiro: Renovar, 2001

CURTHOYS, Ann; LAKE, Marilyn. Connected Worlds: History in Transitional Perspective. Camberra: ANU E Press, 2005

INTERNATIONAL TRANSGENDER EUROPE. Trans Murder Monitoring (TMM) Project. 2015.

[www.transrespect-transphobia.org](http://www.transrespect-transphobia.org) (acessado outubro/2015)

FUNDAÇÃO AMERICANA PARA A PREVENÇÃO DO SUICÍDIO; UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA. Instituto Williams. Suicide Attempts among Transgender and Gender Non-Conforming Adults. Los Angeles, CA, 2014.

[www.williamsinstitute.law.ucla.edu](http://www.williamsinstitute.law.ucla.edu) (acessado outubro/2015)

## 7 ROTEIRO

**TRILHA SONORA:** Dark Was The Night, Cold Was The Ground – Blind Willie Johnson

**ÍTULO:** TRANSparência

**SUBTÍTULO:** As Pessoas Reais Por Trás do Termo Transexualidade

**TEXTO:** Relatório da ONG International Transgender Europe classifica o Brasil como país como o maior número de assassinatos de travestis e transexuais

**TEXTO:** Foram 689 mortes entre janeiro de 2008 e dezembro de 2014, das quais 131 foram de jovens menores de 20 anos (0'00" a 0'26")

### SEQUÊNCIA DE REPORTAGENS

PMs são presos suspeitos de mentir sobre morte de travesti em SP

Justiça mandar soltar PMs envolvidos em morte de travesti em SP

Transexual some no Rio após sair de festa com rapaz

Após demissão, professora denuncia transfobia em colégio particular de SP

Aluno trans é expulso da Casper Líbero e alega ter sofrido transfobia

Cantora transexual sofre agressão homofóbica em Porto Alegre

Transexual crucificada na Parada Gay de SP diz ter sido ameaçada de morte

Preconceito afasta transexuais do ambiente escolar e do mercado de trabalho (0'27" a 1'33")

**TRECHO DE VIDEO E ÁUDIO:** pronunciamento de Navi Pillay, a alta comissária da ONU para os direitos humanos –

Olá, eu sou Navi Pillay e sou a Alta Comissária da ONU para os direitos humanos. Os crimes de ódio contra gays, lésbicas, bissexuais e pessoas trans estão aumentando. Aqui em Nova York, apenas nas últimas seis semanas, pelo menos quatro jovens foram brutalmente atacados em incidentes diferentes. Dois deles mais tarde morreram devido aos ferimentos. Em todos os casos, os agressores gritaram insultos homofóbicos enquanto chutavam, batiam ou esfaqueavam suas vítimas. Estatísticas oficiais mostram que crimes de ódio contra homossexuais agora são quase 20% de todos os crimes de ódio registrados nos Estados Unidos, em comparação aos 15% de alguns anos atrás. No ano passado no Brasil, 250 pessoas foram assassinadas em ataques homofóbicos ou transfóbicos. Em Honduras, uma

onda de violência recentemente tirou a vida de 34 membros das comunidades gay, lésbica, bissexual e transgênero ao longo de 18 meses. E na África do Sul, temos assistido ao terrível fenômeno chamado “estupro corretivo”, cometido por homens que estupram lésbicas e em seguida tentam justificar suas ações afirmando estarem tentando “corrigir” a sexualidade de suas vítimas. Infelizmente, estes não são casos isolados. O problema é global. (1’34” a 3’17”)

## **ENTREVISTAS**

### **LAM MATOS – Vice Coordenador do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades:**

Hoje eu posso dizer que eu já percebia que o gênero que me foi designado ao nascer eu já não me sentia confortável. Porque quando a gente morava em Vitória no Espírito Santo eu já brincava sozinho fantasiando, isso eu devia ter uns cinco anos, que eu entrava num centro cirúrgico e aí eles faziam uma cirurgia em que eles me colocavam um pênis. E aí eu saía desse centro cirúrgico como um rapaz, como um cara. E aí nisso eu tinha emprego, eu tinha um carro, eu era casado. E eu ficava brincando no quarto sozinho, brincando disso. E aí que se alguém me chamasse “ah vem almoçar” ou “ah não sei o que” aí eu corria, deitava na cama, fingia que tava passando por um outro processo para voltar a ser eu. Então assim, agora eu percebo que já na minha infância eu já sentia esse incômodo. E a minha família, várias pessoas da minha família já me falaram isso, de que eu não nunca fui uma criança “normal”, eles colocam dessa forma, de que eu nunca fui uma criança comum. Eu não era uma menininha que queria brincar de boneca. Ia brincar com a minha prima com as barbies dela, nunca queria ser a barbie, eu queria brincar com o Ken. (3’18” a 4’30”)

### **TATIANA LIONÇO – Psicóloga e Professora da UnB especializada em questões de gênero:**

Infelizmente a gente tem todo um processo social de coibição da brincadeira infantil. Muitas vezes a criança ela é até violentada quando ela não corresponde aos estereótipos de gênero. Aí você vai ter um menino que se interessa por brincar de boneca, uma menina que gosta de brincar com carrinho ou de atividades como futebol etc. Não necessariamente isso é sinal de transexualidade. Agora, existem situações em que a criança recusa ser tratada como pessoa do sexo com o qual ela

foi registrada no ato do nascimento, com o sexo que tem marcado na sua anatomia corporal. E aí quando isso é persistente, quando você percebe que isso é uma constante no cotidiano da criança, uma coisa que se prolonga, então vale apenas escutar aquilo como uma expressão da representação que a criança está construindo sobre si mesma. (4'30" a 5'42")

**MARILUZA SILVEIRA – Ginecologista Coordenadora do processo transexualizador no Hospital das Clínicas em Goiânia:**

Tem que dar liberdade porque a criança ela vai seguir o que ela tá sentindo. Então o tratamento não pode ser só pra criança, tem que ser para a família, tem que envolver a escola, tem que envolver familiares. Isso é extremamente difícil no Brasil, onde preto é preto e branco é branco, não existe o cinza, os vários tons de cinza, pela cultura. E mesmo entre os profissionais da saúde isso é difícil porque é cultural também entre os profissionais da saúde. Os profissionais da saúde querem determinar precocemente se é macho ou se é fêmea, se vai comportar como menino ou como menina e não funciona assim. Inclusive tem que retardar a puberdade dessas crianças, não pode deixar desenvolver os caracteres sexuais secundários porque tanto os danos físicos como os danos emocionais eles serão muito maiores se estiverem desenvolvidos. Por exemplo, no caso da moça transexual, se tiver desenvolvido barba, musculatura, isso vai ser horrível. Sendo que a gente poderia ter evitado isso com a inibição, o bloqueio da puberdade. (5'42" a 7'02")

**TATIANA LIONÇO:**

Quando você é criança tem muitas coisas que você não tem autonomia para fazer ainda. Como é que você vai se defender do temor da perda de amor porque você gosta de brincar com uma coisa ou com outra? Você vai simplesmente atender às exigências para ser amada. Mas é terrível ter que barganhar amor. Você ter que dizer assim: “ah então tá bom, para eu ser amada, mamãe, para eu ser amada papai, eu vou não jogar futebol”, sendo que você tem interesse em jogar futebol, entende? (7'02" a 7'44")

**ESTER MATOS – Estudante de mestrado em Filosofia na UFG**

Em relação a família, como eu tava dizendo, você tem que ter uma preocupação maior, um cuidado, eu diria, maior, de como prepara-los para contar para eles. Por

mais que no fundo eles já tenham uma noção, já sabem mais ou menos o que tá acontecendo, você pensa assim. E eu sempre fui revelando, nesse meu processo de transformação de aceitação de mim, eu fui deixando aparecer os sinais para eles aos poucos. Fui mudando as roupas o cuidado com meu corpo o processo de depilação do corpo, eu fui deixando aqueles sinais aparecerem. Para quando eles soubessem dos próximos passos não ser aquele choque. Então depois de preparar todos depois de estar preparando eles chega o momento em que você tem que contar, contei para o meu irmão mais novo. Na época eu meu irmão não reagiu muito bem. Eu ainda estava na vida religiosa, no noviciado. Ele tinha vindo para cá foi a primeira vez que ele veio. Eu contei para ele e ele disse assim para mim “enquanto você se vestir assim, desse jeito, com roupas masculinas, você é meu irmão. No dia que você mudar você não é mais meu irmão.” Nos estávamos na beira de um lago e eu falei assim “olha, então eu vou tirar minhas roupas agora e vou entregar para você, porque você gosta das roupas, você não gosta de mim. Você ama as roupas, você não me ama. Se for assim eu prefiro não ter um irmão que não gosta de mim.” E eu sabia que ele gostava de mim, mas eu falei aquilo para dar o choque nele, para ele desconfiar. Então ele ficou calado, ele sempre teve dificuldades de falar socialmente sobre o assunto. Ele é muito reservado, em tudo. Mas é o irmão que mais me ama. (7’44” a 9’32”)

**LUDYMILLA SANTIAGO – Gerente da Coordenação de Promoção de Direitos da Secretaria de Direitos Humanos:**

A saúde hoje está muito mais avançada do que as outras secretarias, do que as outras pautas, em relação a esse atendimento. Mas ainda são políticas que ainda são muito soltas ou então são programas que são pontuais e governo acabando ou governo se reestruturando elas podem deixar de existir também. Hoje a gente tem uma Secretaria da Mulher, então quando a gente que tratar de pautas da mulher a gente vai na Secretaria da Mulher. Se a gente tivesse uma Secretaria para pessoas LGBTs ficaria muito mais fácil. Porque todas as pautas referentes as questões LGBTs, aí a gente fazendo o recorte para travestis e transexuais, seriam tratadas dentro daquela Secretaria. Lógico que a gente sabe que tem a transversalidade de alguns pontos que iriam perpassar por esse processo. Seria uma Secretaria que teria uma autonomia não só como nós, que somos apenas uma Coordenação de acompanhar, orientar e articular. Mas desse poder de execução mesmo de criar

essas políticas de uma forma muito mais tranquila. Então se você tem um norte da onde sai tudo e dali você começa a ramificar essas coisas, lógico que se torna mais fácil do que você elas estarem todas soltas e você sempre ter que ficar reunindo para conseguir determinados pontos que não é muito bem essa lógica. (9'32" a 10'51")

#### **MARILUZA SILVEIRA:**

A primeira coisa, tem que procurar um CAS da cidade, entendeu? Pelo menos aqui em Goiânia é assim, tem que procurar o CAS daqui e ele é atendido por um clínico e daí é marcado para o serviço de referência, que no caso é o Hospital das Clínicas. Nós paramos de atender pacientes de primeira vez desde 2012 porque nosso serviço é extremamente pequeno, então nós já tínhamos uma quantidade muito grande de fila de espera. E a gente sabia dos problemas que nós iríamos ter com a aposentadoria, tanto com a minha aposentadoria quanto a aposentadoria do nosso cirurgião. Na verdade não foi a aposentadoria que ele saiu, mas ele teve que sair, ele voltando ele vai se aposentar. Então nós brecamos aí para não ter mais pacientes do que tem, nós temos 40 pacientes para operar. Nossa capacidade já era pequena e agora nós estamos aguardando um médico vir substituir nosso cirurgião chefe, ser treinado e substituir. A gente já antevia isso e faz mais ou menos dez anos que eu tava tentando deixar alguém para ficar no meu lugar, no lugar do cirurgião. Porque a gente sabia, tanto eu to próxima a aposentar, como o cirurgião tá muito mais próximo do que eu. Mas nós não encontramos porque para trabalhar com a população transexual a pessoa tem que ter um perfil, não pode ser qualquer pessoa. E a primeira coisa tem que ser despojada de preconceito. Porque muitos profissionais de saúde tem preconceito e tem dificuldade de trabalhar com pessoas transexuais por causa do preconceito. Porque ainda não entendem qual a dificuldade e quão grande é o sofrimento dessas pessoas. Na verdade a população geral não entende. (10'51" a 12'47")

#### **LUDYMILLA SANTIAGO:**

A gente, enquanto Coordenação, ainda não tem muitas coisas porque a gente é uma Coordenação super nova. A gente tem oito meses apenas então a gente ainda não tem um material específico da Coordenação. Mas só que aí existem alguns materiais que aí são distribuídos por alguns órgãos. É complicado porque você tem meio que

garimpar também para saber onde que tem porque não necessariamente a gente consegue um lugar específico a não ser o Ministério da Saúde para conseguir determinados materiais. A não ser que quando a gente vai falar de saúde, por exemplo, a gente pode procurar a Secretaria de Saúde, dentro da Secretaria de Saúde a gente tem o núcleo de DST/AIDS, o núcleo não, perdão, a gerência de DST/AIDS. E dentro dessa gerência alguns materiais específicos já foram elaborados dentro dessa gerência. Mas só que atualmente, até onde eu sei, não tem nenhum material específico, mas com certeza eles devem ter algum arquivo. Ou para consulta ou ainda possui algum material que pode ser distribuído nesse patamar. Mas aí é como eu te falei acaba que gente meio que tem que ficar cutucando, investigando. Vai ouvir muito “ai, eu não sei” ou então você liga fala “não, aqui não tem isso”, porque a pessoa que atendeu nem sabe muitas vezes que no lugar que ela trabalha aquilo existe ou aquilo possui. E também não tem essa sensibilidade de atender com essa humanização procura “olha, eu não sei, mas eu vou procurar para você” ou então “liga em tal outro número”. As pessoas muitas vezes elas se perdem dentro dessas questões. E eu acho que isso que faz também com que muitas vezes esse trabalho se torne tão burocrático e faça com que as coisas muitas vezes não andem. Porque uma informação é muito simples, eu posso passar para outro ou eu posso procurar, eu posso conversar com alguém. E são coisas mínimas muitas que a gente poderia resolver com essa lógica humanista, mas as pessoas não pensam muito além. (12’47” a 14’46”)

### **LAM MATOS:**

Porque a gente ainda não tem ambulatório aqui no Distrito Federal, nem para fornecer hormônio nem pelo menos médicos para fazer o acompanhamento dos rapazes, nem das meninas também. Então a gente procura médicos particulares, quem tem plano vai atrás do plano, quem não tem dá um jeito. Ou faz a hormonização por conta própria. E aí eu peguei essa amizade com esse cara e aí ele fez um grupo no facebook e a gente reuniu vários rapazes trans aqui do DF para trocar informações para a gente se ajudar. Através dele também que a gente conseguiu um médico particular também que fizesse a cirurgia de mamoplastia, que é a da retirada das mamas, que é a mamoplastia masculinizadora do tórax. E aí foi quando a gente começou a meio que fazer uma redezinha de médicos particulares para gente conseguir meio que capenga, minimamente, um acompanhamento



médico para gente ter pelo menos uma qualidade de vida melhor, uma hormonização mais segura. Os que não podem ir ao médico, que não tem grana ou que não tem plano de saúde a gente fala “olha só, mas esse hormônio aqui o ciclo dele é de tantos em tantos dias, esse aqui é de tantos em tantos dias, esse aqui é assim. A gente mesmo que se cuida, fala assim “ó, não bebe porque fulano bebia muito e deu problema hepático” “toma bastante água, no começo você vai ter retenção de líquido, aí você faz isso e tal, tal, tal.” Para a gente conseguir se manter vivo. (14’46’ a 16’23”)

### **ESTER MATOS:**

É uma coisa muito interessante porque você tem uma vida passada, digamos assim. E você tem a vida depois que você se aceitou, se assumiu fez todo o processo transexualizador. E tem o nome antigo, tem o nome atual. Esse processo de transformação de metamorfose física e social, você passa por ele, mas as pessoas que te conhece, também passam por esse processo. A família é mais difícil, claro, é delicado para a família, mas é importante fazer o processo transexualizador na psique, na mente da pessoa, socialmente etc. Mas, assim, eu tenho orgulho da minha história, a questão é que se eu pudesse escolher, eu não teria escolhido nascer nas circunstâncias que eu nasci, passar por toda a dor que eu tive que passar para chegar até aqui. Eu não faria isso sabe? Porque é muito doloroso, é muito difícil. É uma dor muito grande você nascer num corpo físico que não corresponde quem você é. Então uma mulher nascer num corpo masculino, você não tem noção da dor que é para essa mulher. Você ter que se olhar no espelho e se ver com uma barba, sabe? Você não poder tocar o seu corpo, é horrível. É muito ruim, você não poder tocar o seu corpo, você não conseguir se tocar direito. Você não se reconhecer no próprio espelho, é muito ruim. Com o processo transexualizador, você passa a se reconhecer. (16’23” a 17’54”)

**TRILHA SONORA:** Soul of a Man – Blind Willie Johnson

**TEXTO:** “How many years can some people exist, before they are allowed to be free”  
Bob Dylan (17’54” a 18’03”)

**CRÉDITOS (18’03” a 18’28”)**

Direção e roteiro

ÉRICA PIERRE

Produção

ÉRICA PIERRE

Imagens

ÉRICA PIERRE

Edição

ÉRICA PIERRE

Orientador

LOURENÇO CARDOSO

Coordenador do curso de jornalismo

HENRIQUE MOREIRA

Agradecimentos

CLARICE PIERRE CARNEIRO

LUIZ ENEAS COSTA JR

FLAVIA ARAÚJO

IBRAT

ANAVTRANS – DF

HOSPITAL DAS CLÍNICAS – GO

EQUIPE TÉCNICA DO UNICEUB

DAVI

PALOMA

MARCELO